

50
Poetas
do
Clube de Poesia
1945 — 1995

Clube de Poesia

Volta o Clube de Poesia, à presença dos leitores, com poemas de seus membros, provando uma vez mais que é possível transitar das névoas do sonho para os desafios da realidade — basta aliar muito idealismo e um pouco de senso prático.

50 Poetas do Clube de Poesia não foge aos princípios inspiradores das demais publicações que enriqueceram a história da entidade. Se por um lado nos põe diante de vozes poéticas diferentes entre si — cada uma com seu timbre peculiar — por outro lado indica que num ponto elas se confundem: no respeito a certos valores formais, como por exemplo, o próprio verso e o ritmo, inseparáveis do verdadeiro exercício poético, valores esses que nenhum movimento de “ruptura” (e foram tantos!) conseguiu abolir.

50 Poetas do Clube de Poesia

Apoio Cultural: UNIBANCO

50
Poetas
do
Clube de Poesia
1945 — 1995



Clube de Poesia

1995

Copyright © 1995 by Clube de Poesia

Índice

<i>Prefácio</i> , Ives Gandra da Silva Martins	11
<i>Nota Explicativa</i>	17
Abguar Bastos	
<i>Noite</i>	23
Afrânio Zuccolotto	
<i>O Túnel</i>	25
Alice Camargo Guarnieri	
<i>Poema Campestre</i>	27
Alphonsus de Guimaraens Filho	
<i>Oração</i>	29
Ana Marques	
<i>Paz</i>	31
André Carneiro	
<i>À Imagem e Semelhança</i>	33
Antonio Fernando De Franceschi	
<i>Amor Fati</i>	35
B. de Barros	
<i>O Arqueiro Olímpico</i>	37
Benedicto Luz e Silva	
<i>Escusa</i>	39

	Betty Vidigal	
<i>Cristais — I</i>		41
	Cassiano Ricardo	
<i>Canção do Medo</i>		43
	Cláudio Willer	
<i>Mais uma Vez</i>		45
	Cyro Pimentel	
<i>Elegia Dançante</i>		47
	Domingos Carvalho da Silva	
<i>Discurso à Lua</i>		49
	Dulce Sales Cunha Braga	
<i>Embaló em Canções de Paz</i>		51
	Fábio Rodrigues Mendes	
<i>Balada nº 8</i>		53
	Fernando Whitaker da Cunha	
<i>Sintagma</i>		55
	Fúlvia de Carvalho Lopes	
<i>Tatuagem</i>		57
	Geraldo Pinto Rodrigues	
<i>Os Verdes Matinais</i>		59
	Geraldo Vidigal	
<i>Kaleidoscópio</i>		61

Idelma Ribeiro de Faria	
<i>Filho, Perdoa</i>	63
Ilka Brunhilde Laurito	
<i>Estação</i>	65
Ives Gandra da Silva Martins	
<i>Teus Olhos</i>	67
J. B. Sayeg	
<i>Olhos de um Melro</i>	69
João Alves dos Santos	
<i>Memória da Dor</i>	71
João Cabral de Melo Neto	
<i>De Apolinário a Poço Fundo</i>	73
José Nêumanne	
<i>Desafio de Viola Repentina e Guitarra Cética</i> ..	75
Julita Scarano	
<i>Roteiro da Sicília</i>	79
Juvenal Fernandes	
<i>Moça da Esquina</i>	81
Lêdo Ivo	
<i>O Fogo</i>	83
Luiz Roque	
<i>A Música do Centro da Terra</i>	85

	Leila Echaime	
<i>Ave Ávida — XIV</i>		87
	Mariajosé de Carvalho	
<i>Lost Paradise</i>		89
	Maria José Giglio	
<i>Haikais</i>		91
	Maria Lúcia Pinheiro Sampaio	
<i>A Morte Ronda</i>		93
	Mariazinha Congílio	
<i>Divisão de Bens</i>		95
	Mário Chamie	
<i>Nobreza de Hermógenes</i>		97
	Mário da Silva Brito	
<i>Espelho</i>		99
	Marigê Quirino Marchini	
<i>O Dialeto da Noite</i>		101
	Miguel Reale	
<i>O Ciclo do Homem</i>		103
	Milton de Godoy Campos	
<i>Amor</i>		105
	Odette Gonçalves de Aquino	
<i>E, Tu, Amado, Onde Estás?</i>		107

Olney Borges Pinto de Souza	
<i>As Cousas Últimas</i>	109
Paulo Bomfim	
<i>Do Vício de Cantar</i>	111
Péricles Eugênio da Silva Ramos	
<i>Côncavo é o Céu</i>	113
Renata Pallottini	
<i>O Teatro</i>	115
Rolando Roque da Silva	
<i>Soneto XXIX</i>	117
Samuel Penido	
<i>Canto 13</i>	119
Sólon Borges dos Reis	
<i>Desafio</i>	121
Torrieri Guimarães	
<i>Poema</i>	123



Prefácio

Comemora, o Clube de Poesia, seu primeiro cinquentenário. É das instituições culturais do Brasil que mais resistem. Lançado pelos fundadores do Movimento intitulado "Geração de 45", foi, todavia, no I Congresso de Poesia, organizado em 1948, que ganhou seus contornos definitivos. E, desde aqueles distantes anos, vem influenciando, persistentemente a cultura brasileira. A Poesia, a Literatura e as Ciências Sociais.

O Direito, inclusive, não deixou de recolher o influxo desta pressão fertilizadora.

A "Geração de 45" constitui um grito em busca da "liberdade". Da verdadeira liberdade, daquela liberdade que o Movimento de 22, apesar de ter pressentido, não conseguiu conformar.

Vinte e dois é um brado de ruptura, mas não é um movimento de busca da liberdade. Apenas intenta reeditar, no Brasil, a ruptura que já todos os movimentos artísticos europeus haviam vislumbrado, na virada do século, e que a guerra de 14 a 18 não conseguiu estancar.

O 1º conflito mundial, aliás, não foi, sequer, uma conflagração em busca da liberdade. É típica guerra de fim de um período político de estabilidade elitista para uma abertura política de densidade econômica nova. A guerra foi mais política que de princípios, mais econômica que de ideais. O choque pelo domínio do esgotado espaço europeu gerou um confronto para o qual a liberdade dos povos e das pessoas dizia pouco.

O Movimento de 22, portanto, não exterioriza uma nova ordem mundial com reflexos internos. Apenas espelha a busca de um rompimento com o classicismo das formas e das idéias, que nasce com real atraso, visto que a Europa, desde o início do século, já o vivera. Seus valores novos são interiorizados na descoberta dos elementos próprios da terra natal, do social comum, do insuficiente redescoberto.

O Movimento não segue uma linha condutora e tem, como ponto de convergência, apenas, a ruptura.

A Geração de 45, não. É nitidamente o esplodir de uma nova onda cultural simultânea com o que ocorre no mundo. Diria até pioneira em relação ao mundo.

A guerra de 39-45 foi uma guerra de valores mais nítidos do que a primeira. O confronto entre as democracias e as ditaduras constitui-se na tônica dominante e o anseio de liberdade, a

grande aspiração dos povos, até mesmo os dominados pelos regimes de exceção. Desventram-se, no choque, todos os matizes de todas as espécies que conformam a oposição entre o totalitarismo estatal e as liberdades individuais.

A vitória de 45, portanto, é o explodir da liberdade em todo o mundo. O mundo comemora uma nova era. E esta nova era, no Brasil, começa com a Geração de 45, abrindo um insuspeitado e novo espaço cultural. Começa, de rigor, antes mesmo do fim da guerra, com o livro "Predestinação" de Geraldo Vidigal prefaciado por Mário de Andrade.

O que marca a Geração de 45 é a sua anterioridade ou, como querem alguns, simultaneidade, com o mesmo florescer de anseios idênticos em todo o mundo, até porque participara, o Brasil, da 2ª guerra mundial. Deve-se lembrar que quem dá início à Geração é exatamente um pracinha brasileiro na Itália (Geraldo Vidigal).

O retorno mais acentuado à forma clássica, que 22 rompera, só aprimora as idéias de liberdade que conformam o movimento. A ordem e a disciplina da forma permitem veicular este novo universo de espectro abrangente. O moderado classicismo de alguns dos fundadores do Movimento não esconde fantástica exploração de imagens, de soluções artísticas, de linguagem desbravadora. A poesia, a arte em geral, todas as

ciências sociais terminam por receber tal influência e não escondem tal impacto.

Diz-se que a arte antecede a ciência e a arqueologia confirma a afirmação. A Ciência Social é, de rigor, uma "Ciência Autêntica" por tratar do homem, de sua extraordinária aventura na convivência com os de sua espécie.

Eis que aquele anseio de liberdade, que plantou as novas cores do ano de 1945 em todo o mundo, esculpe a Geração de 45 no estilo que viria a ser recepcionado no Direito por seus primeiros criadores e com influência natural e diferenciada sobre outros movimentos como o concretismo, o "praxis", o conceptualismo, o reflexionismo e muitos outros.

O próprio Direito, como dizia, não ficou infenso a tal pressão. Do positivismo jurídico, que dominou a primeira metade do século, partiu-se para a libertação da norma pura, das camisas de força do Kelsenianismo para se ingressar numa redescoberta do jusnaturalismo clássico com a valorização dos direitos fundamentais que vieram a ser consagrados na Declaração Universal do Homem em 1948, mesmo ano em que o Clube de Poesia ganhou sua forma definitiva, após o 1º Congresso Brasileiro de Poesia.

A volta ao classicismo das idéias universais, com o conteúdo crítico e deontológico das realidades descobertas, plasmada por este anseio de

liberdade, areja o Direito, a Economia, a Sociologia e todas as ciências sociais no Brasil e no mundo. Pode-se dizer que, à semelhança do que ocorreria após a Revolução Americana e Francesa, que tornaram a humanidade diferente, após 1945 o mundo ganhou sua nova vertente em busca de um homem inserido em seu contexto social, sem perder a própria individualidade.

O ideal da liberdade é, portanto, uma busca do indivíduo e do social, da integração, em sua dignidade maior, dos dois pólos da relação comunitária, que é a dimensão individual e o contexto social.

E tal semente lançada pela Geração de 45 passa a germinar pelas mais variadas vertentes possíveis e pelas mais diversas veredas do espaço cultural brasileiro.

E talvez por sua permanência como tema de reflexão — a liberdade é sempre uma maneira de descobrir o ignoto, sobre disciplinar, pelo ascetismo da forma, caminhos insuspeitados — é que o Clube de Poesia, criado em 1945 e consolidado em 1948, continua até hoje a “produzir” arte, a influenciar movimentos e a descobrir talentos.

Desde os seus fundadores e seu primeiro presidente (Cassiano Ricardo), vem contribuindo para a definição do perfil poético brasileiro, por seus quadros tendo passado grandes poetas do país,, nestes últimos cinquenta anos.

Por esta razão, decidiu o Clube de Poesia, em seu primeiro cinquentenário, fazer edição comemorativa do evento, reunindo 50 poemas de 50 dos seus poetas, nestes 50 anos passados, com o apoio cultural do UNIBANCO, marcando, assim, uma época de extrema riqueza e de profundas reformas culturais.

Que a iniciativa do Clube e do UNIBANCO sirvam de incentivo para que outras instituições que se criem ou que continuem a produzir cultura sigam idêntico roteiro, visando à preservação da memória de uma geração e de um período histórico brasileiro.

Ives Gandra da Silva Martins
Presidente do Clube de Poesia
10 de janeiro de 1995

Nota Explicativa

Esta antologia fixa um momento expressivo na vida do Clube de Poesia, fundado nos idos de 40 e em franca atividade até os dias de hoje. Não são muitas as entidades literárias capazes de tamanha proeza! A idéia de criação do Clube vingou rapidamente, produzindo desde então frutos em série, anos afora. Um rol de realizações invejável se formou ao longo do tempo, graças ao esforço continuado e eficaz de várias diretorias e associados: edições de livros, antologias, revistas; cursos, conferências, debates, concursos, exposições...

Volta, agora, o Clube de Poesia, à presença dos leitores, com poemas de seus membros, provando uma vez mais que é possível transitar das névoas do sonho para os desafios da realidade — basta aliar muito idealismo e um pouco de senso prático.

50 Poetas do Clube de Poesia não foge aos princípios inspiradores das demais publicações que

enriqueceram a história da entidade. Se por um lado nos põe diante de vozes poéticas diferentes entre si — cada uma com seu timbre peculiar — por outro lado indica que num ponto elas se confundem: no respeito a certos valores formais, como por exemplo, o próprio verso e o ritmo, inseparáveis do verdadeiro exercício poético, valores esses que nenhum movimento de “ruptura” (e foram tantos!) conseguiu abolir.

Sabe-se que as instituições culturais em geral padecem de uma doença crônica: a falta de recursos financeiros. Neste particular, não constituímos exceção. A edição desta antologia é consequência de muita luta (gratificante, no fim das contas), notadamente do presidente do Clube, que soube encontrar a necessária fonte de custeio. Como soam atuais as palavras de Cassiano Ricardo, constantes de conferência proferida no Clube, em 24 de outubro de 1948! Ei-las: “Ora, o que pretende o nosso Clube, até onde lhe caiba essa tarefa, é realizar o que o Estado não realiza. (*A divulgação da poesia*). O povo que já lê, e que gosta de música, é provável que também goste de poesia”.

Sem ajuda oficial, mas com o apoio da iniciativa privada e cumprindo disposições estatutárias, o Clube de Poesia oferece, pois, aos leitores, uma amostra da obra da maioria de seus associados. Uns, bem conhecidos; outros, menos. Todos,

no entanto, fiéis à sua vocação; crentes na força e no sortilégio da Poesia. Dois dos participantes, infelizmente, deixaram nossa companhia, para sempre: Cassiano Ricardo e Péricles Eugênio da Silva Ramos. Expressões máximas da lírica brasileira, foram incluídos nesta antologia pelos excepcionais serviços prestados ao Clube de Poesia, na dupla qualidade de dirigentes da entidade e cidadãos.

Finalmente, cabe mencionar dois fatos importantes: a valiosa colaboração de nossa diretora Mariazinha Congílio, na coleta da maior parte do material aqui inserido e a decisiva atuação do nosso presidente Ives Gandra da Silva Martins, que elegeu esta antologia como uma das metas principais de sua gestão, não medindo esforços para que o projeto se concretizasse de forma cabal e no menor prazo possível.

Comissão Editorial

Idelma Ribeiro de Faria

Milton de Godoy Campos

Samuel Penido

50 POETAS DO CLUBE DE POESIA

NOITE

A lua pinga brilhos de cera nas sombras.
Apenas um transeunte esquivo passa ao lado.
E o gato com olhos de espelho
mastiga, sonolento, estrelas no telhado.

No adormecer, cada um com sua visão:
pessoas, paisagens... E ao sobrevir
o momento: talvez um baile entre clarões
que, afinal, só o sonho sabe colorir.

Vestidos negros vestem a rua de crepe.
Dormem as vidraças entre dobras de pano.
A mulher borda, a moça sonha, o homem fuma
e no salão, o sono de mogno do piano.

O TÚNEL

No seio da terra floresce o dia.
De boca a boca prorrompe o segredo.
Comensal do sortilégio, verticalizo a sombra,
recapitulo marginais espectros,
compendio o raio da morte,
tateio sons eterizados.
Trinta e poucos metros
abaixo da civilização,
a luz comprime-se em aroma,
o eco alcança a velocidade do amarelo
que prefiguro restituído em placas de remorso
ou segmentos de memória.
A câmera gira ao contrário
e o nadador volta ao trampolim.

POEMA CAMPESTRE

Somente algumas
listras carmesim
nos recortes
dos morros
uns atrás de outros
como ondas
em mar encapelado.

Em minutos
o cenário se altera.
O disco avermelhado
se alteia no horizonte
altivo, dominador
e mais e mais sobel

Ei-lo
belo, rubro
no céu limpo
dissipando a névoa
branca e fria
esgarçada
tênue ...

Não posso mais fitá-lo
seu brilho ofusca!
— Mas as rosas
entreabertas
agradecem ao criador
a bênção que receberam.

ORAÇÃO

Deponho em tuas mãos,
Cristo de carne,
Cristo de carne e sangue,
deponho em tuas mãos meu destino,
minha alucinação e meu delírio,
mas também
minha pungente aceitação da vida.
Perdoa se te sinto assim ferido,
malferido, e ainda deixo
em tua carne o fogo
de uma alma
consumida no escuro de si mesma
como na fria solidão de gruta.
Deponho em tuas mãos a minha vida,
as vidas que criei para que fosse
desdobrado
esse permanecer à beira de um
penhasco, ouvindo embaixo
as crespas águas a chamar, um grito
de aleluia mesclado ao desalento
de nem mesmo partir e nem ficar.
Deponho o que supus ser asa e sonho

e hoje amarga e remói, sumo doente,
estranha essência de grãos evaporados
aos golpes de ilusório almofariz.
Quero-te em mim plantar como te insculpem,
carne
assim sangrante e viva,
carne em chama,
carne de sangue e chama devorada
pela rude amargura de teus filhos,
cegos engonços que farão doer
teus olhos de cordeiro,
alma de pai.

Deponho-me a mim mesmo em teu silêncio.
E tudo é um cântico de esvaída brisa,
suspiro luminoso de cristais.

PAZ

A paz que procuro
Está em ti
Procuro essa paz
Que vem de outra fonte
Que vem de um Bem
E esse é Maria
O que procuro
Não é senão
Um cenário de amor
Com cheiro de incenso
Cheio de ternura
Em tom de melodia
Ou de valsa
Que nesse instante
É a do Senhor!

À IMAGEM E SEMELHANÇA

Cada dia a menos
aponta o próximo milênio.
Traçarei um dígito e três zeros
no mergulho neste Aquário.
Mudam números
o destino humano?
Os dinossauros marcavam
em suas cadernetas
os milhões somados
no domínio do planeta?
Como está a despesa
desta nave redonda?
Quantas baleias, petróleo,
lixo marrom no azul dos mares?
Sou drosófila de laboratório.
Quem me pôs acima
destas placas tectônicas
está ausente.
Circula onipotências
nos seus bilhões de galáxias.
O amor é faísca entre os
químicos-elétricos neurônios.

Ninguém o sintetiza em frascos
no bico de Bunsen.
Alucinógeno, dá vertigens,
visões e carência.
Um olhar, pedaço de coxa,
o perfume da roupa íntima,
me atira no abismo sem escada.
Drosófila sem asas,
cumpro as tarefas genéticas,
sonho e me enleio
nesta teia de vírus pretenciosos,
fabricando deuses
à imagem e semelhança.

AMOR FATI

tão desmedido amar
irremissivelmente
amar inteiro e sem reparo
do havido amor amar o conhecido
e o mundo aberto do novo
amar preclaro o amor sobejo
e sem remorso amar o amor raro
do fundo amor amar o leve
amar imenso o amor que é breve
e repetido e sempre amar
irrecusavelmente
o amor que foi e a dor jacente
o amor suave e o ardido
o amor reto e o invertido
amar perverso o denso
e o amor que é pura luz amar
intensamente
amar o amor que é água e se transmuta
amar o vinho e a cicuta
amar irresistido o amor ausente
e mesmo o fel que é amor
mas fere e mente
amar há que contudo
amargamente

O ARQUEIRO OLÍMPICO

Mil vezes ele subiu a escadaria
empunhou seu arco
e desferiu a seta contra a escuridão.

Mil vezes ele cruzou as pradarias
de seu coração, colheu a seta
e a desferiu na imensidão.

Na solidão, mil vezes o arqueiro
repetiu que a perfeição
jamais está no tiro e sim no coração.

E então naquela noite
quando o mundo inteiro o via
pela televisão, mais uma vez
cruzando a pradaria de seu coração
ele subiu a mesma escadaria,
vergou o arco e desferiu a seta
contra a escuridão: na imensidão
ela atingiu um ponto, infletiu,
e sua chama acendeu
a luz olímpica em cada coração.

ESCUSA

Melhor ficar manifesto
qual a ordem
do ofício das paixões.

Dizer francamente da repulsa,
sentindo-se leve como uma pluma.
Não tentar iludir o som dos passos,
quando nos pedirem
uma senha de visitante.

Medir-se com o próximo
e considerar naturalmente
que há algo de cruel
no revólver engatilhado
à sorrelfa.

Encher-se de orgulho
ao sentir a ação do homem
sobre as coisas,
a possibilidade de espedaçar
tudo o que toca.

Transpor as dúvidas graves
com gentileza e respeito.
Não deixar que as velas
percam ventos.
Guardar alguma esperança.

Como em sonho,
entregar corpo e alma
a porto seguro
para os aflitos.

CRISTAIS I

O homem dos olhos frios
passou por aqui de novo.

Lançou-me dos olhos frios
toda a luz fria que trouxe.

Dessa luz eu sobrevivo
por mais um dia. À noite,
o homem dos olhos frios
tem os dedos mais sensíveis
que já tocaram um corpo.

Há os que vivem do sol,
de quem retiram sustento,
luz, calor e alegria.

Eu vivo da energia
que a cada dia recebo
do cristal dessa luz fria.

CANÇÃO DO MEDO

A vida está sempre escondida
no seu grande, seu feroz segredo.
Não é a morte que me põe medo;
é a vida.

Fere-me ouvir, durante a noite,
o meu coração funcionando...
Pobre coração errado
culpado da minha alegria.
Parece que o ouço, algum dia,
como um músculo que soluça
já retirado do meu peito
e ainda vivo, sobre a mesa,
para alguma experiência russa.
Não é a morte que me intimida,
é a vida.

Não há nada que me desperte
maior temor do que o destino.
O que está por acontecer.
O mistério que nos irmana
(por qualquer coisa de divino)

a outra criatura humana.
Destino, noturno destino
que sabemos estar nos espiando
como um misterioso conviva
pelo olhar da pessoa viva.
Não é a morte que me amedronta;
é a vida.

Há uma rosa rubra, é a rosa
de sangue que ficou na calçada,
depois da fúria homicida.
As rosas que eram cor-de-rosa
agora estão brancas de medo.
Não é a morte que me põe medo;
é a vida.

MAIS UMA VEZ

mergulho no amor
com a cega convicção dos suicidas
penetro passo a passo
nesta região misteriosa
turva
opaca
aberta pelo encontro dos corpos
e sinto outra familiaridade nas coisas
esta calma permanência dos objetos
agora formas de lembrar-se
o mundo
que se reduz a traços da presença
a realidade
que fala ao transformar-se em memória
tudo é convivência e signo
o espaço uma extensão do gesto
as coisas
matéria de evocação
qualquer coisa treme dentro da noite
como se fosse um som de flauta
e a cidade se contorce e se contrai
MAIS UMA VEZ

ao abrir-se para este turbulento silêncio
de olhar frente ao olhar
 pele contra pele
 sexo sobre sexo

ELEGIA DANÇANTE

O nascimento do poeta é um salto do invisível
E tudo se movimenta ao seu ritmo de estrela e
de nuvem.

Silenciar ao tumulto da vida cotidiana,
Segredam os deuses da eternidade...Aos poucos
O infinito adeja em mim como as asas do

morcego
Sob o sol, e triste e escura amanhece a solidão
— palavra ardente

Como a presença de Deus sobre a vida, esse
murmúrio de sono.

Caminhando sobre as rudes pedras da aflição,
Nascem na alma as folhas nostálgicas da amada
Que sozinha sombreia de esperança e luz as
lágrimas

Da amargura. Oh, como réstias de azul
iluminam de saudade

Os cabelos, os olhos, as mãos! Onde a amada
que se materializa

Em música, para dançar com a harpa de meu
corpo

A palavra que assombra de trevas o meu
bosque de sonhos?

Sim, a vida é um vôo de finitos e infinitos!
E rugem luas de pavor, gritam túmulos
solitários,
Cercam-me teias de cabelos outonais! E onde,
onde repousar,
Senão sobre o tempo em que eu era a criança
sem destino?
Fecham-se em mim as asas do morcego, e o
sol sangra de melancolia
O meu contínuo morrer dançante!

DISCURSO À LUA

Não eras gôndola nem pássaro
mas uma rosa iluminada.
Em teus cristais refletia-se
a pequena chama dos olhos
de todos os homens.

Inútil foi percorrer-te todas as estradas
pois eras alta demais
para tocar-te com esta alma
que me deste, sem asas.

Inútil foi galgar, acima de tua luz,
as frondes e as colinas,
pois és distante demais
para que te alcancem os braços
que me destinas.

Se era tão longe o teu rosto
e se subia tão alto o teu perfil,
como pude chegar a teus portos
e subir às nascentes de teus rios?

Como pude
velejar em teu riso, até as areias
do silêncio,
e desfazer-me em sombra projetada
como as árvores da noite,
sobre o nada?

Lua, rosa de cal, pomar da morte,
como pude enfim tocar-te com as mãos
e afogar em teus olhos
as pupilas dos meus, que ainda me chamam
da tumba de tuas pálpebras, onde jazem
órfãos desse minuto em que
morremos?

EMBALO EM CANÇÕES DE PAZ

Que muitos convidem ao ruído
mas deixem alguns em paz nesta terra.
Que vivam o sexo desenfreado
mas deixem crescer o Amor Divino.
Que produzam violência armada
mas deixem a paz e a harmonia.
Que chibatem a vida só em Egos
mas deixem sorrir o Eu interno.
Que muitos *falem* de um mundo bom
mas deixem alguns *fazê-lo* melhor.
Que muitos sejam o tempo do não
mas deixem alguns programar o sim.
Que muitos queiram impérios de orgulho
mas deixem alguns na doce humildade.
Que reneguem crenças em seus atos
mas almejem ser Templos de Deus.
Que muitos conflitem em desespero
mas deixem os irmãos darem-se as mãos.
Que proclamem homens desiguais
mas vejam todos na mesma cor.
Que muitos digam que não têm tempo
mas deixem programar Deus, eu e o outro.

Que englobem conflitos e ódios
mas deixem Amores no Coração.
Que ressoem notas de tumulto
mas deixem embalar Canções de Paz.

Fábio Rodrigues Mendes

BALADA Nº 8

Nas faces nuas
da velha lua
o moço astronauta
ainda procura
alguma candura
de serenata.

SINTAGMA

Soturna é a beleza,
Que volve à raiz.
E em cal e incesto,
Escama e alga.
Planta-se em lodo e síntese.

O caule é pássaro e molusco,
Que gera a fonte e o vértice
E descarta a palavra inútil.
Em noites surdas,
Nem mito, nem pedra,
Apenas homem.

TATUAGEM

samorim —

tu que és rei do mar em calicute
apaga o poço do medo
enfuna a buja ao sabor do vento
que o verão chameja nos confins
do mundo
e o minotauro tem envernizados
olhos
aferroados aos desvãos do
labirinto extremo

estende tua mão real

— samorim —

estende a mão

e colhe entre as ramas
a maçã da vida
dada e devolvida
a maçã mordida

OS VERDES MATINAIS

Na origem da memória está a infância
brincando sobre os verdes matinais.
As roupas nos varais, os prestos ventos,
cirandas de manhãs nos meus vagares.

Coisas lembradas de uma paz sorvida
ao som de sinos e suaves trinos
nas matas circundantes e antecipadas
à floração da vida expectante.

Numa paz assim fiz-me cativo
de jogos e folguedos repartidos
entre a graça leve de dias migrantes
e soluços graves por sóis esvaídos.

Sinais ficaram desse tempo? Quanto?
Ficou o canto; ficaram profundezas.

KALEIDOSCÓPIO

Como quem decifra uma flor,
Como alguém nas névoas do ópio,
Contemplo o teu kaleidoscópio
- Vago universo interior!

Navegador da percepção
Atento ao ritmo de meu pulso,
Eu me desdobro em mar e impulso
Nos rituais da indagação.

Entre inferência e deduções,
Perscruto os códigos herméticos
Dos teus fantasmas cibernéticos:
Signos, memórias, afeições.

Leio respostas nos vitrais:
Mas — infeliz, mísero Nemo! —
Sei que altero, sob o meu remo,
O oceano dos teus cristais.

FILHO, PERDOA

Ela aí está oculta
em algum ponto de teu corpo moço.
Silenciosa aguarda o exato momento.
Silenciosa espreira.

Filho, perdoa.

Toda esta construção
harmoniosa e pura
argamassada em sangue,
não é mais que o ritual de uma oferenda
a ela, a invencível, a implacável.

Quando em teu coração morder a dúvida
será ela tua única verdade.
Quando teu passo vacilar na sombra
será ela o teu destino último.

Inconformada assisto
ao latejar do tempo em tuas veias.
Breve o que hoje é claro, leve, rútilo
— arremesso de asa para o alto —

rolará turvo e denso
e se transformará em nódoa opaca.

Filho, perdoa a única certeza
que te legou meu sangue.
Filho, perdoa o trágico milagre.

ESTAÇÃO

Verde é o sangue
nas lâminas nervosas
que se apegam aos ramos.

Não direi verde-esperança,
pois que esperam as folhas
mais que o ouro morred'ouro
dos outonos?

TEUS OLHOS

para Ruth

Teus olhos são imensos lodaçais
No fundo dos grandes lagos,
São os musgos seculares
Dos troncos parasitados.

E o canto enferrujado
Das ferrugens de portões,
No silêncio dos jardins,
Boia, mudo, por teus olhos.

Imensos lodaçais estagnados,
Passados, repassados, trespassados,
Os séculos dos lagos,
Lagos grandes,
Ouvindo a eternidade,
Estagnados.

Os musgos seculares remontando
Enormes árvores, que o tempo encurva,
Os musgos se infiltrando,
Varando e revarando

Os troncos engrossados
Pelas árvores.

E os teus olhos,
Cor de musgos,
Cor de imensos lodaçais,
Estagnando o lago dos meus olhos,
Parasitando o tronco de meu corpo,
Cantam o canto enferrujado
Das ferrugens dos portões.

Eis minha canção de sempre,
A canção verde-marrom
Da conquista e da indolência,
Cujo som soa silente,
Por teus olhos, cor de musgos,
Cor de imensos lodaçais,
Onde, adormecidas, bóiam
As ferrugens dos portões.

OLHOS DE UM MELRO

Os olhos mecânicos de um melro
eram as únicas coisas que se moviam
na sala. O quadro de Paul Klee desenhava
movimentos de um anjo,
eram movimentos eternos, insatisfatórios
porque não eram efêmeros resolúveis
numa fração de segundo. Os olhos porém
eram ágeis, falavam, escutavam, eram olhos
indagadores. Eu mesmo me imobilizei apavorado
perante aqueles movimentos rápidos e impacientes.
Sentei-me na cadeira de grande espaldar
defronte à escrivaninha. Dobrei a página,
deixando o marcador indicando-me a leitura
interrompida. Os olhos se detiveram,
por um instante. A seguir, desesperadamente
recomeçaram seus inteligentes movimentos.

MEMÓRIA DA DOR

Estendo a mão à chuva como quem pede esmola
sob o estreito beiral do meu telhado
eu só e o meu cão
trocando um mudo olhar de entendimento.
Está caindo a noite sobre mim
sobre nós o cão também a sente
e que pretenderá ela
esta chuva
tão fria oblíqua ao meu horizonte?
Vem aí a noite e nós desprevenidos
não trouxe o óbolo
e o barqueiro não faz fiado
a passagem para o olvido
— Sabias, cão?
Sim, sabes mais do que eu
e te enroscas a meus pés
calado e solidário.
Ah, se pudesse eu te perguntaria
que quer dizer esta chuva
por que chegou assim tão de repente
ao cair do pano deste dia nefasto.
E por que o vento nos açoita

e empresta este gemido
aos braços trágicos das árvores
que plantei?
Saberão elas o que lhes diz a chuva
o que lhes sopra o vento?

Obrigado, meu cão. Afago
teu focinho úmido de ternura
e volto a estender súplice
a mão à chuva implacável.

DE APOLINÁRIO A POÇO FUNDO

Para o mar vou descendo
por essa estrada da ribeira.
A terra vou deixando
de minha infância primeira.
Vou deixando uma terra
reduzida à sua areia
em que vivem as coisas
a natureza da pedra.
À mão direita os ermos
do Brejo da Madre de Deus.
Taquaritinga à esquerda
ondê o ermo é sempre o mesmo.
Brejo ou Taquaritinga,
mão direita ou mão esquerda,
vou entre coisas duras,
secas além de sua pedra.
Deixando vou as terras
de minha primeira infância.
Deixando para trás
os nomes que vão mudando.
Terras que eu abandono
porque é de rio estar passando.

Com meu passo de rio
que é de barco navegando.
Deixando para trás
as fazendas que vão ficando.
Vendo-as enquanto vou
parece que estão desfilando.
Vou andando lado a lado
da gente que vai retirando.
Carregando comigo
os rios que vou encontrando.

José Nêumanne

DESAFIO DE VIOLA REPENTINA
E GUITARRA CÉTICA

*Os mortos sentam-se à mesa,
mas sem tocar na comida;
ora fartos, já não comem
senão côdeas do infinito.*

(Ivan Junqueira)

Há pontes,
mas nem sinal
de que haja fontes.

Há navios,
mas nauta algum
quer tecer fios.

Corisco, na viagem do sertão,
é já seu anacronismo
duas cabeças, nenhum coração.

Corisco, no curso da solidão,
já acerta o passo
com o pé de Lampião.

O raio, na rota errada do Cão,
não espalha rastros,
já planta sementes de amplidão.

Corisco, ante a cruz de Virgolino,
já dança o paso doble
no forró forrado do destino.

Cristino, quando partir de Angico,
já sabe que não há porto
nesse navegar nanico.

O raio, bala de partir Lampião,
já embarca no trem do medo,
um trem que nem pára na estação.

A rosa que brilha
na chaga do peito
lhes serve de trilha.

A vereda do zangão,
no vôo da luta,
destila o mel da traição.

O cigano andaluz,
no brilho da faca,
dilui a treva na luz.

O sangue do amado,
no gomo da espada,
cala o mistério sagrado.

O suor do rosto,
no rumo do incerto,
lhes serve de encosto

A lágrima santa
no pus da ferida
não chora, só canta.

Rola uma pedra,
produz-se um som,
a urze medra.

Assim faz o silêncio
seu roteiro,
as suas baladas.

Assim nos chama
amorte,
a badaladas.

Viver é só saber,
se se parte,
não há chegadas.

ROTEIRO DA SICÍLIA

I

O mar desfaz pedras
É como o tempo
A misturar cor e templos
É como o grito
Obscuro sussurro
De mar e de pedra
A solidão a calma
O mar e a pedra
Dizem Selinute.

II

Segesta, Segesta
Campo agreste
Céu sereno
Templo,
Cavalo no monte
Solitário,
Serenos.

III

Rósea é a pedra
Foi amor e foi templo,
Calcinada, comida,
Integrada no tempo.

IV

Áspera pedra espera
A chegada das eras.
O ano toca, leve
A fímbria do ser-pedra.
Manso, de era em era,
O ano consome a pedra.

MOÇA NA ESQUINA

Olha o relógio inquieta
cansada de esperar,
já por quarenta minutos
se confunde com a estátua,
os pombos chegaram perto,
o guarda soprou o apito,
o semáforo mudou,
gente cruzou a esquina
pacote novo na mão,
na banca iluminada
chegou notícia fresquinha,
desceu um pouco a neblina,
os postes se iluminaram.
todo mundo foi jantar.
E ela plantada fincando
as raízes da paciência
vê outra vez o mostrador.

O FOGO

O dia é crepitante e o fogo
se alastra na grama.
Eis o outono, prestes a esconder a minha vida
como as folhas escondem o úmido chão
maternal.
No trêmulo entardecer, ainda espreito a
claridade.
Ouvi o cavalo manco relinchar no nevoeiro
e o rumor dos caminhões carregados de hortaliças
passando pela rodovia.
E agora o fogo se acerca de mim e é um róseo
oceano.
Tudo ficou em promessa
na longa oferta de calor entre as raízes
que apodrecem a caminho da ressurreição.
Demorei a aprender a amar a tarde
as ilhas de fumaça nas colinas
o vento e o fogo
e as sombras
que enlaçam os gravetos na fogueira armada
para celebrar o cair da noite.
Preferi o relâmpago

que ilumina os bosques.
Vagueei o dia inteiro na floresta e esqueci de
recolher
a lenha que deveria ser acumulada
para compor a chama final, no instante
em que caminharei por entre as árvores
e abrirei o portão fechado a cadeado
e me dissiparei junto à fogueira
no regresso radioso.

A MÚSICA DO CENTRO DA TERRA

É um ritmo profundo,
que chega, que emerge
do ventre do mundo.

É estranho esse canto,
que sobe nos ares,
parados de espanto.

São coros de vozes
que a mente alucinam.
São belos e atrozes.

São sons modulados,
lembrando outros astros
de povos alados.

São como os vapores
que sobem da terra,
são como os odores.

Será o grande sismo,
o ajuste das rochas,
no seu paroxismo?

É o grito do magma,
é a cólica interna,
que torce o diafragma?

É o fogo tetúrico
do núcleo de ferro,
furando o silúrico?

Não sei já se é um canto
que se ergue do solo,
se é queixa ou se é pranto.

E o som vem do fundo.
E eu quero explicá-lo...
Porém, me confundo.

Ave Ávida
XIV

Ser do deserto um oásis secreto
amor de calor e água
luz sobre as fráguas
fremir de asas libertas
sol e seta
meta encontrada
paz de plenitude
quietude de sede saciada
ser do deserto um oásis secreto
segredo de silêncio
canto de bocas ávidas
murmúrio de nuvens e ventos
a chamar a chamar
essa grandeza de profundeza
areias secas recebendo o mar.

LOST PARADISE

como viver neste jardim contaminado
aspirar a peçonha
e venturosos
agüentar a constante corrupção
e a morte a habitar-nos
abrigada
qual em fruto o caroço duro amargo
como ilhas acalantar
em mar desesperado
como enfrentar o frio
esta consciência
escalpelo de gelo
ígneo punhal
como ignorar o monstro
sempre à espreita
se nada pode o arcanjo
e o dragão lanceado
as ventas infla
em seus trajes de gala
as damas belas

desfraldam suas bastas cabeleiras
 encrespada maré
 floresta espuma
 desatados novelos
 de algas redes
 armadilha de flor e águas vivas
 urdidura de luz
 de treva
 e bruma
e livres
 com olhar perdido
 sonham
 comborças cortesãs
 e donas e donzelas.

HAIKAIS

Peluda taturana
fogo vivo
sobre o tímido gerânio.

Recolho a ave
nas mãos
e fecho o arco do espaço.

Na noite insone
a eternidade
um olhar sem pálpebras.

Maria Lúcia Pinheiro Sampaio

A MORTE RONDA

A morte ronda
com seus véus de seda negra.
A morte ronda, amor
e eu te quero.

Em leito de flores vermelhas
quero o teu corpo e o teu amor.
O vinho da vida escorrendo
e molhando o meu corpo.

Na vida a morte, na morte a vida.
Vidamorte, mortevida.
Entre dois pêndulos, construímos
nossa vida precária.
Em nosso leito efêmero
amamos com desespero.

Quem somos nós
marcados pela dor e pela morte?

O mistério da vida se adensa
e somos enigmas indecifráveis.

Na estrela longínqua,
o mistério de Deus,
apontando para o universo cósmico.

DIVISÃO DE BENS

Com você pode ficar
o piano, casa, jóias, carro, livros.
Dos quadros só levo a marinha.
Não quero vitrola, televisão ou rádio.
Para uma separação de bens equitativa
você fica com tudo que é seu.
Fico comigo.
Isso não é muito. Mas basta.
Levarei os braços cansados,
os olhos tristes, a esperança vã.
Levarei tristeza e saudade.
O riso já não mais existe.
E muito bem acondicionada,
levarei a liberdade.
Adeus.

NOBREZA DE HERMÓGENES

Hermógenes guardava selos,
estranhas marcas do seu passado.
Erguia contra a luz
finos perfis do sobressalto.

No sono,
sua efígie ficava entre o soluço
e o susto.
Sua heráldica de brasões
e moedas cunhadas dormia
entre os achados que já perdia.

Hermógenes colava selos
no álbum da memória.
(Mesmo os de vagos palácios
e castelos, seus fantasmas).

Um dia perdeu-se a estampa
de sua estirpe em sua Casa.
No sonho,
um guia de capa e espada
abriu as portas de sua morada:

— nenhuma pista, nenhum vestígio
por entre urnas, colchões
rasgados, arcas sob as escadas.

Hermógenes guardava selos.
Hoje só guarda a casaca
de aristocrata
entre a estampa do seu sigilo
e os portões de seu asilo
sem cão de guarda.

ESPELHO

Papoulas flamejantes
incendeiam o vaso de cristal
e no espelho, radiante,
o sol se espalha em labaredas de flor.

Borboletas azuis e amarelas
esvoaçam em torno dos lírios,
e lívida, tu te reconheces na fria superfície,
e desmaias como bêbada açucena.

Ficas inerte, perdida, alheia,
enquanto na ampulheta a areia
— pó do tempo — destila as horas,
todas de entressonhado amor e êxtase.

Se acordares, haverá luar no espelho
e um forte perfume de desespero,
rescendendo do teu corpo exangue,
evolará do teu quarto rumo ao céu
para desvairar as tímidas estrelas.

O DIALETO DA NOITE

Corto minha lenha, vivas toras
e empilho ao lado da casa em segurança
e um deus está sentado em meus tonéis
vigilando meu vinho,
em paz, menos esta alma
que é minha, com certeza, e que morna
olha seu côncavo verde e se descostura.
Já houve um tempo de baile
hoje me dependuro como um vestido antigo
semi-despedida
da noite e seu relento.
Oh! Como é duro na soleira
não ultrapassar o seu portal!
Tudo é um tempo só
o passado, essa luz sem pavio
existe porque estamos no presente
ou futuro imperfeito ou numa cilada.
Que paralelo portão se abre então
em que clã ou telhado desconhecido

me acho de novo em casa e descontraída
desabotô o casaco e reclinada
posso olhar da janela um deus dormindo
o vinho entornado e a lenha consumida...

O CICLO DO HOMEM

Tudo começa com um vagido
recusa de nascer
de assumir a imagem
que lhe querem dar.
O mundo invade o ser frágil
para sempre dependente,
sem nunca mais estar só.

Reação momentânea
à paisagem do mundo,
em busca do próprio horizonte,
mas como resistir
à agressão coletiva,
olhos inconformados
de nunca a si mesmos se verem ?
Só resta a autoconsciência
buscando um projeto de vida
livre de opressão da série,
do igual, do quotidiano,
poucos logrando desfazer o nó.

Depois, depois,
a suavidade das avencas
esparramando a ramagem
pelo chão.
Força inercial do declínio
pendendo a cabeça dorida
rumo à terra
rumo à origem e à suidade plena
encerrando o ciclo da vida terrena
no pó.

AMOR

"Tua nudez vestia de manhãs os pássaros..."

Minhas mãos, rudes pastores,
ávidas percorrem as suavíssimas colinas de tuas
ancas.

Como fremes! Águas inquietas
teu corpo ondeias e o louro tufo
pondo olores de jardins em meu rosto
se alteia como o peito das gaivotas.
Tuas coxas abrem-se, vibram, e tua carne que
penetro

me cinge com cilícios e flamas.
Canções e sedas se rompem.
Quase desmaias. Com ternura e ânsia
cravas o luar dos dentes em meus ombros.
Sangras. Sangra a madrugada que nos encontra
enlaçados.

Embriagada pela manhã a terra se embebe
no esperma do sol. E meu aljôfar escorre
dentro de ti.

E arfo e grito — amor!
Estrelas nascem em teus olhos e ao morrerem,
em breve,

deixarão sons de violetas em tuas pálpebras.
Silêncio. Silêncio de asas que pousaram.
Nossas pupilas, flores que caem, se apagam.

Odette Gonçalves de Aquino

E TU, AMADO, ONDE ESTAS?

Agora é tempo de mágoa
e meus olhos liquefeitos
eu deixo rolar em vagas
pelos caminhos desfeitos
do meu rosto fatigado.

Agora é tempo de mágoa
e as mãos me pendem vazias,
vazias das tuas mãos,
como duas flores mortas
que alguém largasse no chão.

Teu rosto ficou no tempo
sem nada que o lembre já,
além destas mãos vazias,
além dos líquidos olhos
que me escorrem pela face.

Agora é tempo de mágoa
e tu, amado, onde estás?

AS COUSAS ÚLTIMAS

As cousas últimas que agora enxergo
estão roídas pelas próprias formas,
estão desenganadas, estão cheias
dos nada a que estão comprometidas.

Livros e quadros, fitas e gravuras
estão num mesmo nível de amarguras
de maneira que estão se desfazendo
numa sedenta espuma corrosiva.

Uma fatalidade inescrutável
incidiu sobre as cousas derradeiras
gerando a capitulação das formas.

Os conteúdos não formam resistências
visto que não existem sem as formas.
As cousas são diluídas pelo nada.

DO VÍCIO DE CANTAR

Eu canto pelo vício de cantar,
Vício de fonte e pássaros andejes,
De passado na voz dos azulejos
E tempestade amamentando o mar.

E canto nesta febre de inventar
A distância que nasce de meus beijos,
O desejar de todos os desejos
E este silêncio engravidando o luar.

Da artéria aberta faço minha sonda,
Espaço que penetra o eu profundo,
Praia chamando a derradeira onda.

Eu canto como canta o precipício:
Mergulho nos vocábulos do mundo
E me transformo no meu próprio vício!

CÔNCAVO É O CÉU

Côncavo é o céu,
a mão é côncava;
convexa é a mulher,
e todavia é côncava
para a procura e as noites do varão,
é côncava e convexa.

Ilusão e verdade
não são face e reverso
de moeda: são a própria moeda
ou o metal da moeda,
e têm o nome de ouro ou níquel;
face e reverso não existiriam
sem o metal,
ilusão e verdade não existiriam
sem o simples passar do tempo
e quem o mede.

Para quem não se estende
não existe o leito,
para quem não a vive
não existe a vida.

E tudo mais é um fruto,
negro, tão negro, da imaginação.

O TEATRO

Entre palavras e gestos,
luzes recentes, panos velhos,
pessoas, principalmente,
risadas e sofrimentos,
juntamos os nossos restos:
Sófocles e o resto.

Artistas, isso é a essência.
Eventualmente viajantes,
eventualmente docentes
e ainda mais eventualmente
despidos da nossa inocência.

Mas tão presentes quando há carência
de gente!
Mal informatizados,
algumas vezes mal informados,
incorretos politicamente
anárquicos, báquicos, tensos,
mas cheios de mel e esperança
olhando a casa que se lança para o espaço,
sonhando aqui o palco

ali o algo
e sabendo
que reencarnamos há milênios
(há milênios)
o único deus profeta, poeta e demente
que se despedaça e nasce
novamente.

SONETO XXIX

Corria contra o tempo, parecia
alma penada e, mais, compenetrada
de que, se não corresse, encontraria
a sala do espetáculo fechada.

E correndo jamais me acontecia
de perguntar à mente transtornada
as causas, as razões por que corria
e percorria sempre a mesma estrada.

Não me ocorreu fazer uma parada,
poupar um pouco os pés na anomalia
desse correr que não levava a nada.

Que pena! Se parasse alcançaria
as dádivas, os prêmios, de enfiada,
que a vida sem cobrar me oferecia.

CANTO 13

Carregamos para longínquos depósitos
pianos silenciados
carregamos pedras
para as novas pirâmides
e troncos decepados
peças de vidro e metal.
Carregamos dois mundos de uma só vez
o velho mundo
com seus documentos
encardidos, dilacerados
o novo mundo
com seus instrumentos
coloridos, eficientes.
Carregamos de tudo.
Carregamos caixas, caixões
bondes, trilhos
há que fundar um novo chão.
Carregamos rios de dinheiro
para as arcas d'el-rei
e jóias para a mulher de satã.
Carregamos andores
e o humano desdém

e cadafalsos
para todas as heresias
e muros
para todas as lamentações.
Carregamos de tudo
o peso e o vazio.

DESAFIO

Meu canto desdenha a marcha dos ponteiros.

Enquanto todos os relógios deste mundo
devoram os momentos que envelhecem
os calendários,
sacrifico ao altar fecundo das quimeras
o estóico ritual da poesia.

Cada instante é um degrau na rota da descida,
no mundo singular de cada um.

Sei que desço a escada,
mas, não vou afinar a minha lira
pelo molde impiedoso da ampulheta.

Cada verso extraído das entranhas,
gerado no prodígio do mistério,
paíra sobre a voragem dos minutos
como ave que voa sobre o abismo.

Celebrarei a força revelada,
que o Evangelho é o antídoto do tempo.

POEMA

Aquela casa, vês, menina, aquela
onde o azul desbota na janela
de persianas mudas,
e no jardim falecem as mimosas
violetas, margaridas e as rosas
sem pétalas, desnudas...

Aquela casa, vês, que mal se agüenta
nas velhas bases, que mal se sustenta
nas paredes ruídas,
teve seu esplendor, a sua glória,
mistura com a sua nossa história,
resume nossas vidas...

Ressoa em suas salas nosso canto
nas horas de vitória, nosso pranto
na agonia e na dor.
E guarda vibrações e sentimentos,
apelos, gritos, súplicas, lamentos,
sonhos mortos de amor.

Só quem viveu ali sabe as histórias

que a velha casa guarda nas memórias
dessas paredes senis.
Respeita-a, ama-a, não te rias dela,
ainda pende murcha da janela
aquela flor-de-lis

que guarda nosso beijo, a despedida,
o fim desse romance, de uma vida,
um sonho que morreu.
Há vozes, risos, há suspiros, falas...
Há um fantasma em prantos pelas salas...
Sou eu! Sou eu! Sou eu!

A antologia *50 Poetas do Clube de Poesia* edita-se em comemoração ao cinquentenário do Clube de Poesia com o apoio do UNIBANCO. Produzido pela Editora Giordano e impresso por Edições Loyola.
São Paulo, fevereiro de 1995.

... talvez por sua permanência como tema de reflexão — a liberdade é sempre uma maneira de descobrir o ignoto, sobre disciplinar, pelo ascetismo da forma, caminhos insuspeitados — é que o Clube de Poesia, criado em 1945 e consolidado em 1948, continua até hoje a "produzir" arte, a influenciar movimentos e a descobrir talentos.

Desde os seus fundadores e seu primeiro presidente (Cassiano Ricardo), vem contribuindo para a definição do perfil poético brasileiro, por seus quadros tendo passado grandes poetas do país, nestes últimos cinquenta anos.

Por esta razão, decidiu o Clube de Poesia, em seu primeiro cinquentenário, fazer edição comemorativa do evento, reunindo 50 poemas de 50 dos seus poetas, nestes 50 anos passados, com o apoio cultural do UNIBANCO, marcando, assim, uma época de extrema riqueza e de profundas reformas culturais.

Ives Gandra da Silva Martins
Presidente do Clube de Poesia

Abguar Bastos
Alice Camargo Guarnieri
Ana Marques
Antonio Fernando De Franceschi
Benedicto Luz e Silva
Cassiano Ricardo
Cyro Pimentel
Dulce Sales Cunha Braga
Fernando Whitaker da Cunha
Geraldo Pinto Rodrigues
Idelma Ribeiro de Faria
Ives Gandra da Silva Martins
João Alves dos Santos
José Nêumanne
Juvenal Fernandes
Luiz Roque
Mariajosé de Carvalho
Maria Lúcia Pinheiro Sampaio
Mário Chamie
Marigê Quirino Marchini
Milton de Godoy Campos
Olney Borges Pinto de Souza
Péricles Eugênio da Silva Ramos
Rolando Roque da Silva
Sólon Borges dos Reis

Afrânio Zuccolotto
Alphonsus de Guimaraens Filho
André Carneiro
B. de Barros
Betty Vidigal
Cláudio Willer
Domingos Carvalho da Silva
Fábio Rodrigues Mendes
Fúlvia de Carvalho Lopes
Geraldo Vidigal
Ilka Brunilde Laurito
J.B.Sayeg
João Cabral de Melo Neto
Julita Scarano
Lêdo Ivo
Leila Echaine
Maria José Giglio
Mariazinha Congilio
Mário da Silva Brito
Miguel Reale
Odette Gonçalves de Aquino
Paulo Bomfim
Renata Pallottini
Samuel Penido
Torrieri Guimarães

Clube de Poesia

Apoio Cultural: UNIBANCO